

Macabéa

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: CONTEXTOS, USOS E SIGNIFICADOS



SYSTEMIC-FUNCTIONAL LANGUAGE: CONTEXTS, USES AND MEANINGS

WELLINGTON VIEIRA MENDES
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE, Brasil

MARIA MEDIANEIRA SOUZA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)

RECEBIDO EM 08/05/2019 • APROVADO EM 02/06/2019

Abstract

This text presents the main assumptions / conceptions that guide the Systemic-Functional Linguistics (LSF) and its theoretical-epistemological approach to study the nature of the uses and change to which languages are susceptible, seeking to explain their motivations and describe the devices responsible for the manifestation these uses. The paper uses the work of Halliday and Matthiessen (2014), as well as those that derive from it, and

discusses these assumptions from research developed from the orientation of this functionalist slope. For the sake of consideration, the proposal submitted should indicate the feasibility and employment possibilities of the LSF or it is sufficiently adequate to describe the functioning and potential of natural languages.

Resumo

Este texto apresenta os principais pressupostos/concepções que orientam a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e sua abordagem teórico-epistemológica para estudo da natureza dos usos e mudança a que as línguas estão suscetíveis, buscando explicitar suas motivações e descrever os dispositivos responsáveis pela manifestação desses usos. O trabalho recorre à obra de Halliday e Matthiessen (2014), bem como àqueles que dela derivam, e discute esses pressupostos a partir de pesquisas desenvolvidas a partir da orientação dessa vertente funcionalista. À guisa de considerações, a proposta apresentada deve indicar a viabilidade e as possibilidades de emprego da LSF, visto ser suficientemente adequada à descrição do funcionamento e do potencial das línguas naturais.

Entradas para indexação

KEYWORDS: LSF. Change. Variation. Uses. Meanings.

PALAVRAS CHAVE: LSF. Mudança. Variação. Usos. Significados.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomo-nos a apresentar os principais pressupostos/concepções que orientam a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e seu potencial enquanto construção teórico-epistemológica adequada para estudo da natureza dos usos e mudança a que as línguas naturais estão suscetíveis no transcurso do tempo, entendendo suas motivações e descrevendo os dispositivos por meio dos quais esses usos e/ou mudanças de realizam.

Considerando que a produção de trabalhos e pesquisas envolvendo o arcabouço teórico da LSF encontra-se em fase de positiva gradação, a revisão de alguns conceitos associada aos relatórios de divulgação científica na área deve proporcionar ao leitor o interesse pela perspectiva teórica e sua consequente ampliação, (re)adequação e (re)visitação de pressupostos com os quais temos trabalhado nas últimas duas décadas.

Devemos advertir, todavia, que este artigo não esgota e não se pretende representativo da totalidade da produção acadêmica no Brasil a respeito de categorias e/ou constructos metodológicos da LSF. Tampouco, apresentamos o conjunto complexo e integral da abordagem proposta do Michael Halliday, tendo em vista a sua natureza, a sua extensão e as condições e mecanismos de análise

para o vernáculo – ainda em andamento. Logo, os conceitos-chave do paradigma são apresentados e ilustrados com pesquisas institucionais e de pós-graduação, que orientamos ou coordenamos, tanto na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) quanto na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

O texto se inicia com a disposição dos fundamentos da LSF, abordando especialmente a noção de uso em sua relação com função. Em seguida, apresentamos o modelo estratificado da proposta e sua vinculação com a variação. E, por último, tratamos das noções específicas da lexicogramática, na seção “A linguagem como sistemas de significados”, justamente para ilustrar os significados que estão no plano da oração (as metafunções e para os sentidos construídos além dela (as metáforas).

A LSF: FUNDAMENTOS, CONCEITOS E USOS

A LSF é a abordagem teórica concebida por Michael Alexander Kirkwood Halliday, durante os anos de 1950/1960, na Grã-Bretanha. Para ele, a linguagem é proposta a partir dos termos “semiótica” e “social”, o que implica, necessariamente, interpretá-la dentro de espectros contextuais maiores, em que os sujeitos operam escolhas e trocam significados. A noção de troca confere ao “signo” um sentido não limitado à tradução de “entidade”, mas, para além disso, com seu sentido mais geral, enquanto “rede de relações” – razão por que a designação “sistêmica” é necessária ao arcabouço amplo, complexo e situado da teoria (HALLIDAY; HASAN, 1985). Por outro modo de dizer, essa abordagem se classifica como sistêmica porque compreende a língua como redes de sistemas linguísticos, em cuja interconexidade configuram-se as possibilidades de construir e interpretar significados nos contextos sociais nos quais esses mesmos sentidos se manifestam, reconhecidamente em textos.

Admitir a teoria por esse viés implica, simultaneamente, sustentá-la na sua natureza funcional, posto que os significados, os valores, as formas de manifestação da vida é que mobilizam as escolhas operadas na estrutura da gramática da língua, e não o contrário, como a tradição clássica e/ou os estudos de base formal tentam imprimir.

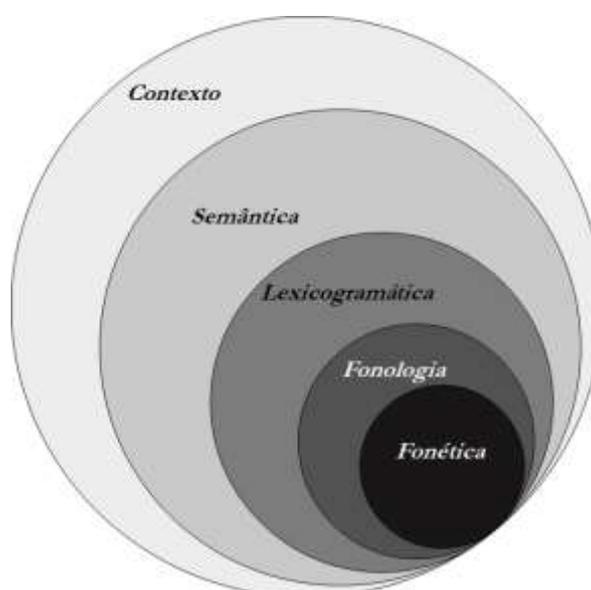
A língua(gem) pode ser entendida como uma manifestação sociosemiótica porque, no dizer de Halliday e Martin (1993), constitui-se como uma maneira de representação da experiência humana quer seja na “realidade” presente/percebida no meio físico ou concreto, quer seja a “realidade” idealizada/construída em nossa mente, num plano mais abstrato, e todos os usos têm relação com as necessidades próprias de nossa relação com a comunidade. Na compreensão de Halliday (2002), há muitos sistemas semióticos de que os humanos se utilizam, alguns mais confusos e outros mais simples quanto aos aspectos das definições de limites e do caráter de (in)determinação e organização interna. De todo modo, qualquer sistema semiótico é complexo (não com sentido de difícil, mas, sim daquilo que se expande em redes/sistema) porque se configura organiza simultaneamente como

físico, biológico e social, ou seja, os sentidos e constroem no social, são biologicamente ativados e se interrelacionam por canais físicos.

Assim, essa proposta sociossemiótica de compreensão da linguagem tem por base a tese de que os significados se estabelecem por meio da interrelação entre sistemas, que se intercomplementam e projetam tais sentidos, numa espécie de modelo estratificado de língua.

A conceptualização de realizações de sentidos no paradigma da estratificação é mais claramente expressa na Figura 1, em que Halliday (1978) caracteriza o modelo semiótico de linguagem:

Figura 1 - Estratificação



Fonte: (HALLIDAY, 1978, adaptada)

Uma boa maneira de compreender a linguagem pela formulação da LSF é admitir uma que os significados se realizam a partir de uma concepção

metafuncional e estratificada, em que os sentidos interpessoais, ideacionais e textuais ocorrem simultaneamente para a construção dos significados no texto e em que, ao mesmo tempo, as escolhas em um estrato projetam construções no estrato seguinte. As escolhas no estrato grafofonológico são a realização das escolhas do estrato léxico-gramatical. Estas, por seu turno, estão realizando escolhas no estrato semântico-discursivo, sendo que tais escolhas ocorrem em contextos de cultura e de situações distintos (VIAN JUNIOR; MENDES, 2015, p. 164).

Essa organização estratificada é ampliada em Martin (1992), especialmente para ampliar os sistemas que se manifestam no plano extralinguístico e remonta ao princípio teorizado por Bronislaw Malinowski, na primeira metade do século XX, de que os usos linguísticos são determinados por contexto. Assim, Martin (1992) acrescenta no sistema semiótico de nível superior a ideologia (discurso) e o contexto de cultura. Por razão lógica, a noção de “função”, e, por conseguinte de funcionalismo, demanda do entendimento de que os usos linguísticos têm a mesma equivalência, posto serem os capazes de realizar o inventário dos diferentes modos de interagir e de construir sentidos. Assim, o aspecto social é parte indissociável do sistema linguístico, e a LSF tem o potencial de estabelecer a importante relação entre os usos sociais e o sistema linguístico.

Nas seções que se seguem, esse assunto é ampliado e exemplificado.

VARIAÇÃO E REGISTROS: O MODELO ESTRATIFICADO DE HALLIDAY

Uma teoria que se sustenta especificamente no social há de reconhecer como condição precípua a natureza irrevogável da variação. Assim como não se repetem culturas, contextos, significados, não é possível a reprodução exata e co-referencial de qualquer parâmetro da linguagem, seja uma construção linguística, como “dar uma ligadinho” (que vai configurar os mais variados sentidos em contextos socioculturais específicos), seja um conjunto amplo de significados – por exemplo, uma língua de poucos usuários (que é potencialmente capaz de realizar variadas construções em contextos situacionais particulares). Essa orientação admite que os conceitos de dialeto e registro se interconectam de modo que mantêm uma relação de função. Primeiro, dialeto deve ser compreendido como aquilo que uma pessoa fala, determinado por aquilo que é especificamente esta pessoa. Registro, por sua vez, deve ser entendido como o que uma pessoa diz, na envolvimento do contexto de situação, a partir de seus três componentes: (i) *campo* – os usos variam de acordo com os tipos de ação social; (ii) *relação* – os usos variam de acordo com os participantes da interação; (iii) *modo* – os usos variam em relação ao meio material em que se concretizam (cf. HALLIDAY, 1978).

Em pesquisa de mestrado, Silva Dantas (2019) apresenta uma amostra de como essas variáveis de registro (*campo, relação e modo*) podem ser interpretadas, a partir de depoimentos de ex-alunos e ex-funcionários a respeito do *Campus* da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAMEAM/UERN), na cidade de Pau dos Ferros/RN. A pesquisadora concluiu que, na variável *campo*, os informantes destacam: suas trajetórias acadêmicas, vivências na docência, na graduação, no trabalho, visão, ou conceito do *Campus*, sua criação/implantação, dentre outros. Quanto ao componente *relações*, Silva Dantas (2019) apresenta as diferenças estabelecidas a partir dos papéis sociais que os informantes desempenham na comunidade: enquanto alguns podem ser considerados de distância social máxima (governantes, por exemplo), outros tem menos grau de distanciamento, visto serem sujeitos que trabalharam juntos ou mantiveram

relação próximas de trabalho ou estudo. Por último, o componente *modo*, pode ser sintetizado na descrição que a pesquisadora faz:

[...] é possível entender que a linguagem também é constitutiva, o meio é verbal, o canal utilizado é o fônico e, o modo de organização, argumentativo. [...] No tocante ao modo de organização desses textos, podemos classificá-los como narrativos, tendo em vista o texto empregado, isto é, o depoimento, que envolve a narrativa de momentos vividos, fatos ou sequência de acontecimentos. (SILVA DANTAS, 2019, p. 91).

Esses componentes, ainda que tomados metodologicamente separados, somente se realizam na língua na simultaneidade do ato interativo de construção dos sentidos, não sendo possível mensurá-los, interpretá-los ou mesmo analisá-los como categorias distintas. As conclusões acerca do que representa o que, é somente uma operação que se elabora a partir das realizações lexicogramaticais (e das escolhas contextuais) tornadas *corpus* de estudo. Assim, na orientação sistêmica, a gramática é um constructo em totalidade, de maneira que todas as experiências podem ser comunicadas, transformando em ação as construções intersubjetivas. A variação e a mudança, por essa via, são conceitos caros à LSF (e às demais orientações de base funcionalista), visto que a gramática, enquanto recurso para construir significados, é sempre emergente e suscetível à mudança e à variação. Nas orientações formais, sempre se considerou que as indeterminações são características desviantes de uma língua, não passíveis de estudo e tratamento científico, sendo vistas, inclusive, como algo que deveria ser ignorado.

Parte dessa visão se traduz, por exemplo, em práticas escolares que tentam ignorar os mais variados registros e dialetos da própria comunidade, fazendo crer que a língua padrão-cultura, derivada da hegemonia política (e prestigiada, portanto), é a única variante a ser apreendida/estudada efetivamente pelos sujeitos de uma comunidade. Ou, outra parte ainda pior, podem traduzir-se em instrumentos de políticas públicas que procuram extirpar dialetos de grupos específicos¹, ignorando suas questões de funcionamento interno, enquanto sistema, e também suas funções típicas e mais abstratas, enquanto movimento de realização de significados na cultura de um grupo ou de uma sociedade.

A linguagem, na orientação epistemológica da LSF, é uma realidade da cultura, da vida social de seus agentes, de suas relações consigo mesmos e, também, da necessidade inseparável da relação com o ambiente físico. Nesse caso, como bem lembra Halliday (1973), a linguagem é também um meio central de promoção da cultura, nas relações cotidianas, nos mais diferentes espaços, tanto como condição de representação da experiência no mundo físico, social e psíquico, quando como condição de estabelecer identidades e afinidades grupais, de modo a se construir e transmitir uma visão específica de mundo, uma cultura, portanto.

Por esse turno, pensar os contextos (desde o mais geral e o imediato da situação comunicativa até o *background* mais amplo da cultura), significa levar em

conta que um modelo teórico de estudo da língua baseado nos usos não pode abstrair os sentidos que são próprios das relações sociais e das diversas maneiras como essas relações configuram os discursos e seus efeitos (ideologias) e por eles são também transformadas. É a partir da tradição dos estudos de Bronisław Kasper Malinowski que Halliday propõe a configuração de uma realidade linguística que potencializa as funções da linguagem (os usos, por assim dizer) e que realiza necessidades humanas: (i) acima dos sistemas funcionais, estariam os contextos de cultura e de situação; (ii) abaixo e partir dos sistemas, estariam as funções de expressar a experiência, no desempenho de papéis sociais, estabelecendo relações de significados nos próprios enunciados.

Essa discussão, pois, está mais bem resumida no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Contextos e sua relação com as metafunções e sistemas

Nível acima do sistema		Nível do Sistema		
Cultura	Situação	Metafunção da linguagem	Sistema lexicogramatical	Atividade
	Campo	Ideacional	Transitividade	Representar a experiência
	Relação	Interpessoal	Modo	Deflagrar relações sociais
	Modo	Textual	Tema	Organizar os textos

Fonte: (MENDES, 2018, adaptada)

No nível extralinguístico, as concepções de ideologia e de contexto de cultura são importantes porque, para uma descrição mais adequada da língua, necessário se faz agregar algo que esteja além da situação imediata de interação e da própria instanciação textual, tendo em conta que, no momento de enunciar qualquer mensagem, os sujeitos também carecem de conhecimento sociocultural mais amplo que lhes permita interpretar e dar sentido tanto ao que é verbalizado quanto ao que acontece durante a situação interativa. Nas situações reais de uso da língua, os contextos precedem os textos e, desse processo de instanciação, constitui-se também o sujeito que, por sua sucessão e reciprocamente, cria os contextos em que a linguagem significa. O discurso, por essa circularidade ininterrupta, pode ser considerado como um potencial da cultura.

Por último, convém lembrar que a LSF possibilita abordagens diferentes para estudo do que é construído nas situações de interação: é possível estudar as realizações da língua como recurso para a produção de significados – análise gramatical – ou para entender como essas realizações significam o que significam e porque – análise textual (GOUVEIA, 2009). Discutimos a respeito disso na próxima seção.

A LINGUAGEM COMO SISTEMAS DE SIGNIFICADOS

Propomo-nos, nesta seção, a apresentar os significados expressos em nível de sistema, especialmente aquilo que é denominado da teoria da LSF como metafunções. Em seguida, tratamos também de elementos que vão além da oração que são expressos em termos de metáforas.

AS METAFUNÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS: DA ORAÇÃO AO TEXTO

Halliday (1994) chama os significados ideacionais, interpessoais e textuais de metafunções, já que cumprem papel funcional na construção de sentidos, através de estruturas distintas, com organização semântica própria. Os sistemas realizam na lexicogramática os sentidos do nível semântico-discursivo. Esse nível contempla todas as possibilidades de escolhas linguísticas para um sujeito em determinada situação de interação. Tal sistema de opções é, *per si*, a gramática, ou seja, o potencial de realização em que o sujeito da língua faz uma espécie de seleção a partir das opções disponíveis no sistema e considerados os contextos acima dele. Para cumprir essas funções, o sistema realiza três metafunções: (i) *ideacional* – responsável por expressar as experiências do sujeito, incluindo o mundo externo e o mundo interno de sua própria consciência; (ii) *interpessoal*: responsável por estabelecer e manter as relações entre os interactantes: estabelecer e manter relações, influenciar, expressar pontos de vista, sugerir etc.; (iii) *textual* – responsável por manter ligações entre a própria linguagem e as características da situação de interação, organizando os significados ideacionais e interpessoais como discurso, conforme Halliday e Matthiessen (2014). E cada uma dessas metafunções se concretiza na lexicogramática, respectivamente, pelos sistemas de transitividade, de modo e de tema, conforme sintetizamos no Quadro 1, apresentado anteriormente.

Na perspectiva da LSF, a transitividade é compreendida como uma unidade que serve para expressar uma gama particular de significados ideacionais ou cognitivos. É a base da organização semântica da experiência e denota não somente a familiar oposição entre verbos transitivos e intransitivos, mas um conjunto de tipos oracionais com diferentes transitividades (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011).

No sistema de transitividade as ações e atividades humanas são expressas no discurso e na realidade está sendo construída. O sistema realiza três papéis semânticos que podem ser identificados: *processos*, *participantes* e *circunstâncias*, que permitem analisar *quem faz o quê, a quem e em quais condições*.

Os *processos* se classificam em materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais. Os *participantes* são os elementos envolvidos com os processos, de forma obrigatória ou não, e as *circunstâncias* são as informações adicionais atribuídas aos diferentes processos, que se realizam recorrentemente por meio de advérbios ou sintagmas adverbiais.

Quadro 2 – Processos e Participantes

Processo	Participantes	
	Obrigatórios	Opcionais
Material	Ator	Meta, Extensão e Beneficiário
Mental	Experienciador e Fenômenos	-
Relacional	Portador e Atributo / Característica e Valor	-
Verbal	Dizente e Verbiagem	Receptor
Existencial	Existente	-
Comportamental	Comportante	<i>Behaviour</i>

Fonte: (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, adaptado)

Em Souza (2006), são analisados os papéis do sistema de transitividade, em editoriais de jornais e revistas (*Folha de São Paulo, do Jornal do Comércio, da Folha de Pernambuco, revistas Veja e Época, Uma e Todateen*), a fim de perceber como esses papéis atuam na construção de sentidos nesse gênero. Resultados desse trabalho foram também publicados em Furtado da Cunha e Souza (2011), de onde trazemos, a título de ilustração, alguns dos resultados dos processos mais recorrentes na pesquisa.

Durante a observação dos processos materiais, a pesquisa identifica que tais recursos são empregados para externar ações que envolvem, pelo menos, um participante: o Ator, quando a oração é intransitiva, ou dois participantes, um Ator e uma Meta, por exemplo, quando a oração é transitiva. Os casos de *chegar* e *produzir* ilustram o trabalho e indicam que seus participantes, por vezes, são sintagmas nominais genéricos (atual governo) que protagonizam a ação de chegar (com sentido de chegar a um lugar, há movimento físico, um deslocamento no espaço; com sentido de atingir um alvo evoca um deslocamento virtual):

Diante da herança recebida pelo atual governo, que **chegou** ao Planalto em meio a fortes desconfiças e a um grande movimento especulativo, era absolutamente sensato fazer o que foi feito (*Folha de São Paulo*, 03 de junho de 2003).

Os processos mentais expressam o *sentir*, como a percepção, a cognição e a afeição. Nos casos analisados por Souza (2006), foi possível compreender que processo mental *querer*, por exemplo, apresenta diferentes possibilidades de uso e, conseqüentemente, dos processos mentais para retratar experiências diferenciadas, bem como para construir o sentido de seu texto. Já os processos relacionais, usados para definir, classificar, caracterizar, generalizar e identificar, enquadrando em uma visão particular as experiências vividas, os processos relacionais evidenciam uma relação de natureza estática, entre dois participantes: Portador e Atributo nos relacionais atributivos, como na oração ***Elas são generosas e carinhosas umas com as outras***; Característica e Valor, nos relacionais identificadores, como na oração ***Rodrigues é um técnico de reconhecida competência***. (cf. FURTANDO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 85).

Os processos existenciais, tipicamente, ocorrem no início de um texto ou quando o texto está movendo-se para uma nova fase (cf. BUTT et al, 2001). Na pesquisa, a autora pode constatar que, ao lado do participante Existente, maioria

dos casos, ocorrem elementos circunstanciais. Os processos *haver* e *existir*, identificados no *corpus*, cumprem a função sequenciar ideias anteriores, apresentando elementos novos. Eles dão prosseguimento ao fluxo do texto, funcionando como uma ponte entre *dado* e *novo*.

Souza (2006) conclui que a transitividade permite uma visualização das experiências/conteúdos codificados nos editoriais, contribuindo substancialmente para a argumentação presente nos editoriais, permitindo como os sentidos foram construídos, porque é possível descrever o que está sendo apontado sobre um determinado assunto e de que maneira as mudanças na construção do significado podem ser realizadas. Para além da análise gramatical, quando o texto foi tomado como espécime, o trabalho de Souza (2006) permite entender que um gênero apresenta um contínuo de variação que vai do representante mais típico da categoria até aquele que mais se afasta desse padrão, tanto por causa das funções a que se prestam tais textos quanto a partir das escolhas, em contexto macro, que são operadas nos editoriais – o que pode apontar para uma análise do texto como artefato.

Os processos verbais, também objeto de interesse no trabalho de Souza (2006), resultaram em pesquisas maiores, em diferentes instituições de ensino, e que foram divulgadas em Souza e Mendes (2012). Nessas pesquisas, foram estudados processos verbais “dizer”, “afirmar”, “mostrar” e “falar” e seus participantes obrigatórios – Dizente, Verbiagem e seu participante opcional – Receptor, em artigos acadêmicos escritos e publicados por alunos da graduação em Letras. O trabalho final foi elaborado a partir de dois *corpora*: da revista *Ao pé da letra*, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE (Cf. SOUZA, 2011) e de anais de eventos científicos do CAMEAM/UERN, (Cf. MENDES, 2011). O trabalho indicou que o uso dos processos verbais está associado ao caráter argumentativo do gênero artigo acadêmico/científico, já que as vozes presentes nesse processo de construção de sentidos vêm funcionar como argumentos de autoridade e não apenas como sequências dialógicas, função comum no caso das narrativas orais, ou relatos, diálogos e em narrativas escritas.

Em trabalho de mestrado, Mendes (2010) abordou o papel das circunstâncias em *blogs*. A pesquisa visava analisar o sistema de transitividade em relação às circunstâncias nesse gênero. Foram analisadas 75 postagens selecionadas de quatro *blogs* da Revista *Época on-line*, nos seguintes *blogs*: *Diário do Centro do Mundo*, Paulo Moreira Leite, *Blog do Nelito* e *Guilherme Fiuza*. A investigação do funcionamento das circunstâncias apontou que as circunstâncias desempenham papel importante na composição de significados potencialmente argumentativos do *blog* (extensão, papel, causa, finalidade, concessão, ângulo), sendo que algumas contribuem para os diferentes modos de situar, localizar e referenciar elementos dentro e fora do texto (localização, companhia, assunto, modo, acompanhamento), ou atuam na construção da opinião expressa nos *blogs*.

Até aqui, descrevemos um pouco do funcionamento do sistema de transitividade e de seus papéis. Abordaremos o sistema de modo, explicando, de início, que, quando se ordena ou se faz uma oferta, o sujeito está expressando algum tipo de avaliação e/ou atitude, numa situação de interação. Por este pensamento, é possível afirmar que a linguagem é usada para “atuar” nas relações

personais e sociais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 29), durante o processo de construção das experiências de mundo no plano ideacional. Assim, no nível da sentença, as construções não representam simplesmente um processo, mas também um posicionamento de participantes que estabelecem, mediante sucessivos movimentos de troca de papéis (ora falante/escritor, ora ouvinte/leitor), a negociação de proposições (informações) e propostas (bens e serviços) que são oferecidas, aceitas ou rejeitadas.

No entendimento de Ghio e Fernández (2008, p. 122), nessas relações de troca é possível distinguir entre dois papéis discursivos principais: “dar” e “demandar”, que implicam, respectivamente, “receber” e “dar uma resposta”. Para esses papéis assumidos pelos interlocutores na troca de significados, eixo principal do sistema de modo, é importante ainda distinguir entre o objeto que pode ser trocado: a) bens e serviços (não-verbal) e b) informações (verbal). Assim, a combinação dessas variáveis permite estabelecer as funções primárias do discurso:

Quadro 3 – Funções primárias do Sistema de Modo

PARES DE FUNÇÕES DISCURSIVAS (Iniciais e Respostas)		
Negociação	Resposta	
	APOIANDO	CONFRONTANDO
oferta (bens e serviços)	aceitação (não-verbal)	rejeição
ordem (bens e serviços)	consentimento (não-verbal)	recusa
declaração (informações)	confirmação (verbal)	contradição
pergunta (informações)	resposta (verbal)	desaprovação

Fonte: (EGGINS, 2004, adaptado)

Ainda é possível compreender que os bens e serviços existem, independentemente de linguagem, podendo ser, inclusive, trocados sem emprego da linguagem. O mesmo não ocorre com as informações, que somente se materializam no sistema simbólico, em que linguagem desempenha papel constitutivo (a própria linguagem é quem está sendo trocada), por assim dizer.

As duas categorias, proposta e proposição, que se realizam no sistema de modo são ilustradas através dos exemplos de Ghio e Fernández (2008, p. 123), apresentados a seguir: (i) *propostas* – oferecimento (realizada tipicamente por uma interrogação) e ordem (realizada tipicamente por uma imperativa); (ii) proposição – declarativa e pergunta. Assim, a classificação de *proposta* (quando a função semântica da sentença é a troca de bens e serviços) e de *proposição* (quando a função semântica da sentença é a troca de informações), constitui-se no sistema léxico-gramatical, de acordo com Eggins (2004, p. 150), a partir do que chama de elementos do Sistema de Modo: (i) elemento que expressa **polaridade**

(polaridade positiva – *sim*, polaridade negativa – *não*); (ii) elemento de um grupo nominal, chamado **sujeito**; (iii) elemento de grupo verbal, chamado **finito**, conforme pode ser representado no Quadro 4:

Quadro 4 – Elementos do Sistema de Modo

Sujeito	Finito	Resto		Polaridade
<i>(Eu)</i>	<i>estou</i>	<i>escrevendo</i>	<i>este trabalho</i>	<i>positiva</i>
<i>Sua mãe</i>	<i>venderá</i>	<i>a casa</i>	<i>no natal</i>	<i>positiva</i>
<i>Juan</i>	<i>quis</i>	<i>abandonar</i>	<i>sua mulher</i>	<i>positiva</i>
<i>O acidente</i>	<i>deve</i>	<i>Ocorrer</i>	<i>a meia-noite</i>	<i>positiva</i>
<i>Este incidente</i>	<i>não deveria</i>	<i>se repetir</i>	<i>nunca mais</i>	<i>negativa</i>
<i>Eles</i>	<i>compraram</i>	<i>uma casa nova</i>	<i>no mês passado</i>	<i>positiva</i>
<i>A casa</i>	<i>foi</i>	<i>vendida</i>	<i>no mês passado</i>	<i>positiva</i>

Fonte: (GHIO; FERNÁNDEZ, 2008, adaptado)

No sistema de modo, os adjuntos modais funcionam como modificadores de um constituinte específico (função adjunto) ou mesmo de toda a sentença (função comentário). Ghio e Fernández (2008, p. 133) apresentam alguns exemplos desses modificadores com função adjunto, que, em sua maioria, são terminados pelo sufixo *-mente*: (i) *probabilidade* – provavelmente, possivelmente, seguramente, com segurança, quiçá etc.; (ii) *habitualidade* – habitualmente, às vezes, nunca etc.; (iii) *disposição* – voluntariamente, alegremente, satisfatoriamente etc.; (iv) *obrigação* – definitivamente, geralmente etc. Os adjuntos modais podem ainda expressar outros significados, como temporalidade (ainda, todavia, uma vez que, já, etc.) e tipicidade (ocasionalmente, geralmente, etc.).

Os adjuntos modais podem expressar um ponto de vista (avaliação) do interlocutor e, por essa razão, podem ser considerados adjuntos com função comentário, ou seja, modificando toda a sentença. Podem também funcionar como circunstanciais, atuando no interior da transitividade e, portanto, com função menos modal. Fazer essa distinção é importante porque, como Mendes (2010) apontou, as circunstâncias do sistema de transitividade modificam o *processo*, ao passo que a função modal atua na relação entre os participantes do evento comunicativo.

Os sistemas de tema e realizam da metafunção textual e diz respeito às características que configuram a estrutura da sentença. Através desses sistemas, a mensagem é organizada e pode, portanto, ser interpretada pelos sujeitos na interação. Como mensagens, as sentenças se organizam e convergem para a materialização do texto, o que Ghio e Fernández (2008) afirmam ser a relação de um contexto local com um contexto mais geral.

Esse contexto local é denominado tema e o contínuo da mensagem na sentença, donde deriva tal contexto, é chamado rema. Na formulação das autoras, em muitas línguas ocorre essa organização com a posição inicial do tema, seguido do rema. O domínio da informação, orientada diretamente para o ouvinte/leitor, diz respeito à relação dado/novo.

Quando o tema, como primeiro elemento da sentença, expressa algum tipo de significado experiencial, diz-se que ocorre como tema tópico, porque está diretamente voltado ao modo como a informação está distribuída nas sentenças. Mais uma vez Ghio e Fernández (2008, p. 139) são tomadas como referência para exemplificar como essa ocorrência do tema pode se concretizar na estrutura. Segundo elas, o tema tópico é, tecnicamente, uma função da estrutura da transitividade na sentença, podendo ocorrer como um participante (“George Bernard Shaw” nasceu em Dublin), como uma circunstância (“Em 1876”, Shaw foi com sua mãe e sua irmã a Londres) ou como um processo (“Disse” Rodrigo: todavia é demasiado cedo para fazer conclusões).

Em “Tema ideacional, circunstâncias e textualidade”, organizado por Furtado da Cunha (2015), Souza e Mendes analisam ocorrências de complexos oracionais circunstanciais que, associados a processos verbais, atuam na textualidade de trabalhos acadêmicos. A análise de construções do tipo “Como já foi dito anteriormente”, entre outras, apontou para a compreensão de que a vinculação dos processos verbais com a construção da textualidade atua na progressão textual, seja introduzindo, seja explicando, seja concluindo. A relação entre os complexos de orações circunstanciais temáticas possui caráter híbrido com valores anafórico e catafórico porque, ao mesmo tempo em que integram a cláusula complexa, desempenhando uma função textual e ocupando a posição de uma circunstância – tema ideacional – funcionam também como *link* entre um antes e um depois discursivo-textual, sendo, portanto, tema textual. A acumulação de tema ideacional/textual constituídos por orações circunstanciais com processos verbais é objeto ainda investigado pelos autores.

Em síntese, os componentes do modelo Sistêmico-Funcional (ideacional, interpessoal e textual) contribuem para a realização da forma, já que a sentença somente se materializa a partir da relação do sujeito com suas experiências de mundo/interiores e na relação de interação com outros partícipes, compreendendo a interconexidade com os componentes mais amplos da cultura e nos contextos mais imediatos em que ela se manifesta.

AS METÁFORAS: UM POUCO ALÉM DA ORAÇÃO

A proposta de Halliday e Matthiessen (2014) sustenta que, para além das relações de sentidos explicitamente evidenciadas na construção oracional, há significados que evocam por referência outras coisas que não aquelas compreendidas aprioristicamente. Para os autores, essas possibilidades se apresentam nas interações, tanto a partir da variação no sentido de uma determinada expressão quanto na variação da expressão para um determinado significado. Logo, a noção do apriorístico, do literal não se coaduna com a ideia de metáfora na perspectiva da LSF porque a noção de “literal” pressupõe a existência de um discurso não constituído nas relações complexas e, portanto, isento das condições de significação que se verificam acima do sistema linguístico. A orientação sistêmica de Halliday vai admitir que qualquer configuração semântica

se constitui a partir de uma realização na lexicogramática que pode ser considerada “congruente”, havendo, pois, outras que são “transferidas” ou metafóricas (cf. GHIO; FERNÁNDEZ, 2008).

A LSF classifica as metáforas gramaticais em metáforas ideacionais e metáforas interpessoais. No primeiro caso, a relação com o significado das palavras se estabelece em relação ao contexto. No segundo, a relação se dá entre a forma como o sujeito expressa os significados na relação com o interlocutor. As metáforas ideacionais se observam quando um tipo de processo assume configuração de outros participantes da transitividade (ator, meta, beneficiário, circunstância etc.), concretizado na lexicogramática por grupos verbais, grupos nominais, grupos adverbiais, frases preposicionais, dentre outras possibilidades. Em [1] “Chapecoense anuncia o santista Arthur Gomes por empréstimo” (Uol Esportes, 2019), por exemplo, seria possível que o dizente passasse a meta em [2] “O santista Arthur Gomes foi anunciado por empréstimo para o Chapecoense”, ou ainda a nominalização, como recurso recorrente para a criação de metáforas gramaticais, poderia resultar numa construção como [3] “O anúncio do santista Arthur Gomes para o Chapecoense por empréstimo”. Esse processo pode apontar para abstrações ou certo distanciamento entre escritor e leitores, como sugerem Ghio e Fernández (2008), já que podem ocultar certos agentes ou converter ações em nomes, como em [3].

A pesquisa de Silva (2019), com o verbo dar, no português brasileiro, ampliou o entendimento acerca dos usos que tal processo manifesta no português brasileiro e procurou descrever sua configuração lexicogramatical a partir do sistema de transitividade. A proposta de Silva (2019) foi realizar análise e descrever as orações constituídas do verbo dar a partir da tipologia de processos do sistema desse sistema e, ao mesmo tempo, propor uma rede de sistema com opções que direcionem para a um entendimento das expressões metafóricas com o verbo dar na função de Processo. As orações analisadas pelo pesquisador foram extraídas de dois corpora: o C-ORAL-BRASIL e o Corpus Brasileiro. Os dados de Silva sugerem que o verbo dar pode realizar qualquer um dos seis processos da tipologia proposta no sistema de transitividade da LSF, ainda que possa ocorrer casos em que os processos estejam em zonas fronteiriças. Silva (2019) aponta, por último, que as orações metafóricas com o verbo dar apontam para uma especificação do processo, no sentido de quantificá-lo ou de alterar o desdobramento de seu grau.

Por sua vez, as metáforas interpessoais funcionam a partir do modo e modalidade e podem ser expressos por uma infinidade de possibilidades de modalização na oração simples ou na oração complexa. Esse recurso, muito frequente na língua, é empregado para expressar opinião de forma dissimulada, como em “Creio que ninguém pode crer no Pai nem chegar ao Pai [...] (LUTERO, 2015)”. A oração é projetada a partir do processo “crer”, que é bastante prototípico da modalização.

Assim, é possível concluir que as metáforas configuram inevitavelmente todos os processos de construção de sentidos, especialmente porque nosso modo de significar se ocupa do estabelecimento de relações, analogias, associações parte/todo, responsáveis por configurar e representar a experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade principal deste trabalho foi a apresentar ao leitor as concepções em que se abriga o paradigma da LSF e seu potencial enquanto construção teórico-epistemológica suficiente aos estudos dos usos e mudanças a que as línguas naturais estão suscetíveis, a partir de suas motivações e ocupados dos mecanismos por meio dos quais esses fenômenos da variação/mudança se realizam.

Os conceitos foram apresentados a partir de experiências de pesquisas desenvolvidas com orientação da corrente funcionalista e tentaram traduzir a viabilidade e possibilidade de seu emprego em outros trabalhos que admitam a língua(gem) na sua totalidade e nas condições reais de uso.

O empreendimento, portanto, não visa a ser um espaço de chegada, mas, ao contrário, um lugar de partidas. O leitor deve encontrar aqui a motivação para ampliar e revisar as concepções, para realizar uma agenda de leituras nas obras tomadas como amostra (e outras além dessas), bem como promover a relação entre elaborações anteriormente construídas com aquelas que se esperamos proporcionar como movimento seguinte. Será/haverá sempre um depois. E para esse depois que a ciência da linguagem se faz ininterruptamente.

Notas

¹ A título de sugestão, remetemos o leitor à matéria publicada em O Globo (*on-line*), intitulada “Enem 2019: Governo prepara inspeção em banco de questões para excluir da prova suposta 'ideologia de gênero’”, em que o atual governo propôs comissão interna para “investigar” questões que tivessem “viés ideológico”, numa clara represália a Prova do Enem 2018 que tinha, como um texto motivador de uma questão, o registro de variação própria de grupos gays. A matéria está disponível em:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/enem-e-vestibular/enem-2019-governo-prepara-inspecao-em-banco-de-questoes-para-excluir-da-prova-suposta-ideologia-de-genero-23466043>

(acesso em maio/2019)

Referências

DANTAS DA SILVA, L. F. **Os processos mentais da Gramática Sistêmico-Funcional em textos a respeito do campus da UERN em Pau dos Ferros/RN**. Dissertação de mestrado. Pau dos Ferros: UERN, 2019.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. 2a. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. (orgs.). **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria: UFSM, 2010.

- GHIO, E.; FERNANDEZ, M. D. **Linguística sistêmico-funcional: aplicações a la lengua espanola**. Santa Nacional del Litoral/Wadhuter Editores, 2008.
- HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1973.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. **On Language and linguistics**, Volume 3 of The collected works of M.A.K. Halliday edited by Jonathan J. Webster. London & New York: Continuum, 2003.
- HALLIDAY, M. A. K. The spoken language corpus: a foundation for gramatical theory. In: AIJMER, K. & ALTENBERG, B. (eds) **Proceedings of ICAME 2002: The theory and use of corpora**, Göteborg 22–26 May 2002. Amsterdam: Editions Rodopi, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. **Writing science: literacy and discursive power**. London: Falmer, 1993.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning: a Language-based Approach to Cognition**. London/New York: Continuum Publishing Group, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introducion to Functional Grammar**. London: Arnold, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: a social semiotic perspective**. Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1985.
- LUTERO, M. Obras selecionadas: o programa da Reforma – escritos de 1520. 3 ed. São Leopoldo; Porto Alegre: Concordia; Canoas: ULBRA, 2015.
- MARTIN, J. R. **English text: system and structure**. Amsterdam: Benjamins, 1992.
- MARTIN, J. R. Life as a noun. In: HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. **Writing science: literacy and discursive power**. London: Falmer, 1993, p. 221–267.
- MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. **Key terms in systemic functional linguistics**. London/New York: Continuum Publishing Group, 2010.
- MENDES, W. V. A perspectiva sistêmico-complexa na relação com os estudos da linguagem: experiência com textos acadêmicos. **Diálogo das Letras**, v. 7, n. 1, p. 21-40, jan./abril, 2018.
- MENDES, W. V. **As circunstâncias e a construção de sentidos no blog**. Dissertação de mestrado. Pau dos Ferros: UERN, 2010.
- MENDES, W. V. **Corpus da pesquisa os processos do dizer na produção científica dos graduandos em letras do CAMEAM**. Pau dos Ferros: Faculdade de Letras e Artes/UERN, 2011. (Arquivo eletrônico).
- MENDES, W. V. **Mecanismos de junção em textos acadêmicos: uma abordagem sistêmico-funcional**. Tese de doutorado. Natal: PPGEL/CCHLA/UFRN, 2016.
- SILVA, J. J. D. **Um estudo sistêmico-funcional de orações com o verbo dar no português brasileiro**. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2019.
- SOUZA, M. M. **Corpus da pesquisa o funcionamento dos processos verbais em artigos acadêmicos**. Recife: Faculdade de Letras/UFPE, 2011. (Arquivo eletrônico).

SOUZA, M. M. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2006.

SOUZA, M. M.; MENDES, W. V. Uma análise sistêmico-funcional do dizer em artigos científicos de graduandos. **D.E.L.T.A.**, São Paulo/RN, v. 28, n. esp., p. 537-560, 2012.

VIAN JR, O.; MENDES, W. V. O sistema de conjunção em textos acadêmicos: os mecanismos de sequenciamento e de explicação. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras**, Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 163-186, jan./jun. 2015.

Para citar este artigo

SOUZA, M. M. de., MENDES, W. V. Linguística Sistêmico-Funcional: contextos, usos e significados. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 8., n. 2., 2019, p. 603-619.

Os Autores

Maria Medianeira de Souza doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. É docente, desde 2010, do Departamento de Letras /UFPE, Graduação e Programa de Pós-Graduação em Letras. Realiza trabalhos em Teorias e Análise Linguística, especificamente em Linguística Sistêmico-Funcional e Gramática Sistêmico-Funcional.

Wellington Vieira Mendes é doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com período sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É docente do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade. Atua na área de Teoria e Análise Linguística, centrando a atenção no campo do texto e construção sentidos.